

# A NARRATIVA DE UMA CRIANÇA COM NECESSIDADES VISUAIS EM CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DOS ASPECTOS MULTIMODAIS

Christiane Gleice Barbosa de Farias Nascimento(UNICAP)  
Renata Fonseca Lima da Fonte(UNICAP)

## INTRODUÇÃO

Para este estudo, consideramos a linguagem em uma perspectiva multimodal, que concebe gesto e fala como um único sistema de significação, conforme propõe em Kendon (1982), McNeill (1985, 2000), Cavalcante (2009) e Fonte (2009, 2011), ou seja, gesto e fala estão integrados. Nesse sentido, a linguagem funciona por meio dos recursos multimodais.

Segundo McNeill (1985, p. 367), “a ocorrência de gestos ao longo da fala implica que durante o ato da fala dois tipos de pensamento, imagístico e sintático, estão sendo coordenados”<sup>1</sup>. Neste contexto, gesto e fala forma um único sistema de significação e produção.

A utilização da linguagem multimodal é um aspecto importante no âmbito familiar e escolar, pois a partir da multimodalidade a criança começa a fazer uso da língua. Cavalcante (2009) observou em duas díades mãe-bebê no período de dois a dezoito meses de vida da criança, que o bebê começa a se engajar em gêneros orais, como o diálogo, o jogo e a contação de história, através multimodalidade, isto é, associando gestos às produções vocais. Antes de falar palavras propriamente ditas, o bebê balbucia e gesticula. Nesses gêneros orais, variações prosódicas também foram evidenciadas. Logo, a multimodalidade está presente desde muito cedo nas interações entre mãe e bebê.

Neste estudo, focaremos nosso olhar para o gênero oral contação de história, considerando uma criança com necessidades visuais. Partindo do seguinte questionamento: Como uma criança cega faz uso da multimodalidade ao contar histórias? Diante dessa questão norteadora, temos como objetivo geral analisar os recursos multimodais utilizados pela criança cega em contação de histórias e como objetivos específicos identificar e descrever a fala, a prosódia e os gestos da criança cega na contação de histórias.

Este artigo iniciará com discussões sobre multimodalidade, ensino e narração, contemplando considerações de Kendon (1982), McNeill (1985, 2000), Cavalcante (2009),

---

<sup>1</sup>Thus the occurrence of gestures, along with speech, implies that during the act of speaking, imagistic and syntactic, are being coordinated.

Perroni (1992) e Dohme (2010). Em seguida, será apresentada a perspectiva da multimodalidade e cegueira com base nos estudos de Iverson; Goldin-Meadow (1997, 2001) e Fonte (2006, 2009, 2011) para facilitar a análise dos recursos multimodais utilizados na contação de histórias realizada pela criança com necessidades visuais.

## 1. MULTIMODALIDADE, ENSINO E NARRATIVA

Neste tópico, apresentaremos as principais ideias que caracterizam multimodalidade e narrativa, procurando relacionar o gênero oral contação de história à multimodalidade e de que forma esse gênero é trabalhado na escola.

Para Dalvir; Rezende; Jover-Faleiros (2013):

pensar no ensino da literatura e suas modalidades práticas supõe que defina a finalidade de ensino. É a formação de um sujeito leitor livre, responsável e crítico capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção. É também, obviamente, a formação de uma personalidade sensível e inteligente, aberta aos outros e ao mundo que esse ensino da literatura vislumbra.

Nesse contexto, o gênero oral contação de história é uma forma de comunicação que se alimenta da história e da ficção, integrando a palavra aos gestos e é nessa articulação que está a força de sua expressão.

Dionísio (2011) argumenta que os gêneros textuais orais são fenômenos multimodais ao justificar que na fala são usados no mínimo dois modos de representação, como por exemplo: palavras e gestos, palavras e entonações, assim como palavras e sorrisos.

Na perspectiva da multimodalidade, gesto e fala são indissociáveis, conforme afirma McNeill (1985, p. 209): “gestos e fala integrados em uma mesma matriz de produção”<sup>2</sup>. Considerando esta citação gestos e falas estão interligados, entrelaçados formando uma única forma de comunicação.

Kendon (1982) contribuiu para os estudos sobre a multimodalidade ao propor uma tipologia com base em contínuos. Dentre os gestos, identifica a gesticulação, a pantomima e os gestos emblemáticos. McNeill (2000) retoma essas tipologias gestuais e observa a presença obrigatória da fala, a ausência de propriedades linguísticas e de caráter convencional na gesticulação. A pantomima envolve a mímica que ocorre na ausência da fala, seja para simular ações ou representar personagens. Já os gestos emblemáticos podem ocorrer na ausência ou na presença da fala e são construídos culturalmente. Entre eles, podemos exemplificar o gesto de cumprimento, o gesto de aprovação, o gesto de negação, entre outros.

Cavalcante (2009) afirma que a gesticulação pode ser caracterizada pelos movimentos da cabeça, braços, pernas e pescoço, mostrando marcas individuais de cada falante. Em seu

---

<sup>2</sup> Gesture and speech are an integrated system in language production.

estudo, constatou que o gesto emblemático foi caracterizado pelo apontar no gênero contação de histórias. Nessa situação interativa, o bebê iniciava a interlocução e convidava a mãe e a filmadora a partilhar deste gênero ao olhar para os interlocutores e ao apontar para o livro.

Para Perroni (1992, p. 19) “narrativa é a recapitulação de experiências na mesma ordem dos eventos originais”, isto é, recordar uma sequência verbal dos fatos que efetivamente ocorreram. A criança ao narrar uma história relata os fatos que ocorreram de forma estrutural, ou seja, com princípio, meio e fim.

A voz com suas características prosódicas é considerada um aspecto multimodal bastante relevante nas narrativas, pois é o veículo usado para relatar os acontecimentos da história. Em relação à voz Dohme (2010) destaca alguns elementos importantes que o narrador deve preocupar-se para clareza da narração como: a dicção, o volume, a velocidade e a tonalidade da voz.

Para autora, é importante apresentar uma boa dicção para que as palavras sejam pronunciadas adequadamente, caso contrário, a mensagem é recebida de forma truncada, porque a não compreensão de uma palavra pode levar a incompreensão de toda a frase, e não entender uma frase pode prejudicar o entendimento de toda história. O volume também necessita ser adequado para uma boa clareza da mensagem, pois quando a narração é feita em voz muito baixa compromete à sua compreensão, principalmente quando o narrador mantém certa distância do ouvinte. Além do volume vocal apropriado, as expressões faciais do narrador podem contribuir para complementar a compreensão da história contada. A velocidade está muito ligada à boa dicção. Quem tiver com a sua dicção em desenvolvimento, precisa obrigatoriamente falar devagar para ajudar na compreensão da sua comunicação. Variar a velocidade da voz pode auxiliar na interpretação do texto: falar mais rápido pode passar mais emoção, um sentimento de urgência, e falar mais devagar é adequado quando se deseja passar um sentimento de paz, harmonia, serenidade. (DOHME, 2010).

Em relação à tonalidade da voz, pode-se dizer que vozes graves e agudas envolvem características individuais, pois cada pessoa tem seu registro vocal próprio, mas podem alcançar tons abaixo ou acima desse registro (DOHME, 2010). Desta maneira, é importante narrar com vozes mais graves ou mais agudas para representar diferentes personagens.

Com base nas considerações de Dohme (2010) a prosódia nas narrativas são instrumentos que contribuem para uma boa narração, pois através desses recursos utilizados de forma adequada a criança consegue compreender e recontar produzindo sentido.

As gestualidades corporais e faciais são também componentes importantes nas narrativas de contar e recontar histórias. Dohme (2010, p. 45) destaca a importância destes recursos multimodais que deve acompanhar a fala conforme a afirmação:

a expressão corporal deve acompanhar o que está sendo descrito. Todo corpo fala: a posição do tronco, os braços, as mãos, os dedos, a postura dos ombros, o balanço da cabeça, as contrações faciais e a expressão dos olhos. Os gestos devem estar coerentes com a narração, usados para reforçá-la. A comunicação do semblante transmite as emoções do nosso interior através da expressão do rosto. Tristeza, alegria, surpresa, espanto. A expressão facial poderá falar mais do que muitas palavras.

A pantomima também é considerada um recurso multimodal importante na narração de histórias infantis, podendo ser utilizada no reconto de histórias. Segundo Coelho(1999), a pantomima “ é uma reprodução da história ao qual as crianças podem utilizar a expressão corporal como recurso multimodal sem utilizar a voz, isto é, vão reproduzir trechos do enredo ou expressões do personagem através dos gestos, expressões faciais, corporais, etc.

Podemos perceber que através da contação de histórias e dos recursos que podem ser utilizados, as crianças vão se apropriando da linguagem oral para expressar sentimentos, sensações e desejos, por isso, é importante que o educador esteja atento as formas de contar histórias na sala de aula, pois cabe a ele, através dos seus conhecimentos e experiência, ter a percepção e tirar maior proveito na narração oral.

A literatura infantil é um poderoso instrumento de interferência na prática pedagógica, estimulando o imaginário do aluno, favorecendo seu espírito crítico e seu desejo de transformar a realidade.

Para Cortes (2006, p. 96) “a narração oral tem o poder de evocar emoções, de transportar a imaginação, de tornar real a fantasia. É uma arte que se conserva viva, à medida que viabiliza pela palavra, em sua condição mais simples, a oralidade e a memória de mundo.

Nessa perspectiva, é através da narração oral que a criança começa a entender o mundo ao seu redor, a ideia de tempo, a complexidade dos conflitos, as relações sociais e a interpretação dos sentidos facilitando e abrindo caminho para compreender a si próprio.

Respaldando-nos na perspectiva de funcionamento multimodal da linguagem, consideramos que a multimodalidade relacionada à integração da fala, da prosódia, dos gestos e do toque é relevante e necessária para a criança com necessidades visuais, uma vez que assume papéis importantes para a produção de sentidos nas narrativas orais. Desse modo, esses recursos multimodais devem ser explorados em sala de aula para facilitar a inclusão e a participação de crianças cegas nas atividades de contação de histórias.

## 2. REFLEXÃO SOBRE OS ASPECTOS MULTIMODAIS NA CEGUEIRA

Há poucos trabalhos que relacionam multimodalidade e cegueira, pois a discussão dessa temática é recente. Antes de entrarmos nessa discussão, é relevante refletir sobre a definição da cegueira, que segundo Ochaita e Rosa (1995, p. 183) é “um tipo de deficiência sensorial e, portanto, sua característica mais central é a carência ou comprometimento de um dos canais sensoriais de aquisição da informação, neste caso o visual”. Diante desse comprometimento visual, como caracterizam os gestos das crianças? Eles diferem daqueles das crianças sem necessidades visuais? De que forma os gestos articulam-se com a fala?

Segundo Goldin-Meadow e Iverson(2001), a gesticulação é essencial para a fala independente da capacidade visual. Para alcançar esses resultados, as autoras analisaram crianças e adolescentes cegos desde o nascimento, contemplando a idade entre 9 e 18 anos, com o propósito de observar se as gesticulações realizadas por eles se assemelhavam aos gestos das crianças que enxergam. Este estudo mostrou que os falantes cegos gesticularam durante a fala com mesma frequência e com a mesma variedade de formas gestuais em relação aos falantes videntes.

Nessa perspectiva, os participantes cegos não apresentaram dificuldades em gesticular, logo ficou comprovada a presença da multimodalidade medida pela integração entre fala e gesticulação.

Iverson e Goldin-Meadow (1997) realizaram um estudo mais recente com crianças cegas com o objetivo de observar as comunicações das crianças cegas desde o nascimento em diferentes situações e extrair seus gestos significativos. Os resultados mostraram que as mesmas utilizaram gestos como movimentos do corpo, cabeça, mãos, braços para se comunicar e produzir sentido.

Fonte (2006) contribuiu aos estudos sobre multimodalidade na cegueira, em seus estudos com gêmeos cego e vidente, observou as marcações prosódicas da fala materna que tiveram uma maior variedade na interação com o filho cego e que os gestos foram mais diversificados na interação com o filho vidente.

Em estudo mais recente, a autora observou que a mãe faz uso da pantomima vocal com variações de qualidades vocais ao usar o falseto ou a voz grave na representação de personagens durante brincadeira com objeto. Em outros contextos, ao simular a cantiga de ninar, a pantomima vocal também foi realizada pela mãe e pela criança cega através da marcação prosódica ritmada (FONTE, 2011).

Fonte (2009, p. 96) também afirma que “o uso da fala associada aos gestos dependem do sentido tátil para serem percebidos e representados”. Com base nas constatações de Fonte (2006, 2009, 2011), podemos perceber que gesto, fala e as marcações prosódicas são considerados recursos multimodais utilizados pela criança cega como forma de interação.

As considerações dos autores citados respaldarão a análise dos recursos multimodais realizados pela criança cega nas narrativas de conto e reconto de história.

A seguir, iremos descrever os procedimentos metodológicos, incluindo a coleta de dados e os critérios adotados para transcrição dos dados, para enfim, analisar os recursos multimodais utilizados pela criança cega nas narrativas de histórias.

### 3. METODOLOGIA

Com base na perspectiva da multimodalidade, propomos analisar os recursos multimodais usados pela criança cega na narração da história de Branca de Neve. Para isso, a criança foi filmada durante a contação de história para melhor descrição dos recursos multimodais utilizados pela criança cega na narrativa da história.

História	Contexto	Idade da criança
Branca de Neve	A criança contou a história de Branca de Neve. Essa história foi escolhida pela própria criança.	7 anos

Para transcrição dos dados utilizamos as notações gráficas propostas por Marcushi (2001) e Fonte (2011, p. 109) obedecendo a forma de como a palavra será pronunciada.

((	Para indicar gesto, movimento e postura corporais ou fala simultâneos do mesmo interlocutor.
( + )	Parapausas e silêncio existentes na fala.
Tempo	Para pausas que ultrapassam 1.5 segundo, indica-se o tempo.
Incompreensível	Quando não se entende parte da sala ou todo o turno.
LETRAS MAIÚSCULAS	Sílaba ou palavra com ênfase.
:Alongamento da vogal	Os dois pontos podem ser repetidos, a depender da duração.
‘Aspas simples (entonação)	Para uma subida leve( como uma vírgula ou ponto e vírgula)
“Aspas duplas ( entonação)	Para uma subida rápida como no ponto de interrogação.

Além da transcrição da fala, foi realizada uma transcrição prosódica da fala da criança, incluindo a descrição da qualidade vocal, da intensidade e da velocidade de fala.

Para analisarmos os recursos multimodais na narração de histórias realizada pela criança cega, trabalharemos com a noção envelope multimodal proposto por Ávila Nóbrega (2010), descrevendo os planos verbal e gestual; incluindo os planos prosódico e do tocar, conforme propõe Fonte (2011).

Para observarmos a multimodalidade, as transcrições das produções verbais com as marcações prosódicas e dos gestos da criança cega foram inseridas em uma tabela com a discriminação do tempo de ocorrência.

#### 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A criança cega conta a história de Branca de Neve.

T	PLANO DO OLHAR/ TOCAR	PLANO PROSÓDICO/ PLANOVERBAL	PLANO GESTUAL
09:40	((Olhar dirigido para cima enquanto contava a história))	((ERA UMA VEZ uma menina que morava com a (voz infantilizada) madasta.))	((Mexia-se muito com o corpo, balançando-se))
09:40		(tom de voz grave) ((NÃO minha rainha'))	((realiza gestos manuais e balança o corpo))
09:43		((aí ela foi:: ela foi))	((Com o lápis na mão realizava movimentos circulares)).
09:44		((tom de voz mais grave) ((FUJA, banca de neve, FUJA	((Faz movimentos com o corpo balançando para frente e para trás e com o lápis na mão, realiza movimentos circulares))

Durante a narração da história, a criança com necessidades visuais utilizou o tom grave ao representar o papel do espelho “NÃO, minha rainha” (tempo 9min45s) e ao representar o papel do caçador: “FUJA banca de neve, FUJA” (tempo 9min47s). Logo, ao representar os personagens, a criança cega usou a pantomina vocal ao modificar a qualidade vocal, conforme foi observada no estudo de Fonte (2011a) realizado com mãe e criança cega.

Na narração oral da história, a criança realizou movimentos repetidos manuais e com o corpo para frente e para trás, ou seja, gesticulava durante sua produção verbal,

comprovando as constatações de Goldin-Meadow e Iverson (2001) de que a presença da gesticulação não depende da capacidade visual.

Nesta cena, ao contar a história a criança cega utilizou os recursos multimodais (produção verbal, variações prosódicas e gesticulação), que contribuíram para a coerência da narrativa da história contada.

Na análise dos dados, podemos observar que enquanto contava a história a produção verbal foi acompanhada por movimentos corporais e manuais, que caracterizaram a gesticulação da criança cega.

De acordo com a análise dos dados, podemos perceber que ao contar a história de Branca de neve a criança utilizou os recursos multimodais, os parâmetros prosódicos e a gesticulação que acompanharam a fala. Dessa forma, a prosódia ora assumiu o papel de enfatizar a produção verbal por meio do alongamento vocal ou da intensidade forte ora marcou o papel do personagem da história através de uma qualidade vocal grave. Já a gesticulação possibilitou o fluxo da narrativa oral.

No conto, ficou constatado que a fala, a prosódia e as gesticulações surgem como sistemas integrados na produção de sentidos das narrativas das histórias de crianças com necessidades visuais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os recursos multimodais utilizados na narração de história realizada por uma criança com necessidades visuais, foi observada a relação entre gestos e fala, ou seja, os dois formaram uma única forma de comunicação. Além disso, a prosódia foi privilegiada como estratégia para a criança narrar as histórias.

Os dados mostraram que a fala com suas marcações prosódicas e qualidades vocais diversificadas e as gesticulações da criança cega enquanto narrava as histórias funcionaram como recursos multimodais de produção de sentidos.

Diante dos resultados, a escola pode exercer um papel importante ao trabalhar narrativas com crianças com necessidades visuais mediadas pelo uso de recursos multimodais, priorizando a construção de sentidos através de variações prosódicas na narrativa oral. A multimodalidade constituída pela fala, prosódia e toque, deve ser inserida em contextos de conto ou de reconto em sala de aula, de forma a contribuir para a percepção de sentidos pela criança com necessidades visuais.



## REFERÊNCIAS

ÁVILA NÓBREGA, P. V. **Dialogia mãe-bebê**: a emergência do envelope multimodal em cenas de atenção conjunta. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

CAVALCANTE, M. C. B. Rotinas interativas mãe-bebê: constituindo gêneros do discurso. **Investigações** (Recife), v. 21, p. 153-170, 2009.

CORTES, M. O. Literatura Infantil e Contação de Histórias. Viçosa – MG, CPT, 2006.

DALVI M. A.; REZENDE N. L.; JOVER-FALEIROS R. Leitura de literatura na escola. São Paulo - SP: Parábola, 2013.

DIONISIO, A. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSWKI, A; GAYDECZKA, B; BRITO, K. (Org). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. 4 ed. São Paulo: Parábola Editoria, 2011, p. 137-152

DOHME, V. A. **Técnicas de contar histórias**: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

FONTE, R. **Estratégias maternas na interação com gêmeos, cego e vidente na aquisição da linguagem**. 2006. 131f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

\_\_\_\_\_. A subjetividade e a constituição do sujeito na relação mãe-filho cego. In: Eunice de Oliveira; Severina Sílvia Ferreira; Tereza Avellar Barreto. (Org.). **As interfaces da Clínica com Bebês**. Recife: Bagaço, 2009, p. 171 - 180

\_\_\_\_\_. **O funcionamento da atenção conjunta na interação mãe-criança cega**. 2011. 315f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

IVERSON, J.; GOLDIN-MEADOW, S. What's Communication Got to Do With It? Gesture in Children Blind From Birth. **Developmental Psychology**, v. 33, n. 3 p. 453-467, 1997. Disponível em [http://goldin-meadow-lab.uchicago.edu/PDF/1997/Iverson\\_GM1997.pdf](http://goldin-meadow-lab.uchicago.edu/PDF/1997/Iverson_GM1997.pdf). Acesso em: 30 jun. 2013.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. The resilience of gesture in talk: gesture in blind speakers and listeners. **Developmental Science**, v, 4, n. 4, p. 416-422, 2001. Disponível em [http://goldin-meadow-lab.uchicago.edu/PDF/2001/Iverson\\_GM2001.pdf](http://goldin-meadow-lab.uchicago.edu/PDF/2001/Iverson_GM2001.pdf). Acesso em: 30 jun. 2013.

KENDON, A. **The study of gesture: some remarks on its history.** *Recherches sémiotiques/semiotic inquiry* 2, 1982, p. 45-62.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação.** 5ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

MCNEILL, D. So you think gestures are nonverbal? **Psychological Review**. v. 92(3), 1985, p. 350-371

\_\_\_\_\_. Introduction. In: MCNEILL, D. (ed.). **Language and Gesture.** Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 199 – 200.

OCHAITA, E.; ROSA, A. Percepção, ação e conhecimento nas crianças cegas. In: COLL, C. et al (Org.). **Desenvolvimento Psicológico e educação - Necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 183-197.

PERRONI, M C. **Desenvolvimento do discurso narrativo.** São Paulo: Martins Fonte, 1992.